

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Outubro de 1984

Nº. 10

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE

PAUL FRITZ KUEHNRIECH

CASAS BUERGER

IMOBILIÁRIA D. L.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Outubro de 1984

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

Extraído do Jornal – “A Voz Católica,” 23/10/1885. Do Brasil...	290
Figuras do Presente — Hermann Baumgarten	296
Franz Baumgart, “o músico do povo”	296
Erusque nos 115 anos de Imigração Polonesa	300
A Grande Jornada	304
A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes	306
Aconteceu.....	312
Figuras do Passado — Ferdinand Schrader	314

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Extraído do Jornal — “A Voz Católica” 23/10/1885. Do Brasil.

Um conceituado cura de nossa diocese comunica gentilmente a seguinte carta escrita por um de seus afilhados e que nós de bom agrado aqui publicamos resguardando porém sua identidade, deixando o resto inalterado e compreensivo.

“Pomerstrasse, Colônia de Blumenau
Província de Santa Catarina, 3 de agosto de 1885.
Dignissimo e M. R. Sig. Cura!

Como preâmbulo quero agradecer-lhe a gentileza de sua precedente, com a qual enviou um livro de música sacra. Agora ao seguinte:

A respeito da lavoura, até o presente momento não se sabe nada ao certo, quando aqui em Desterro será iniciado. Porém no ano em curso, várias companhias de engenheiros ingleses traçaram e linearam vários pontos. Além disto não sabemos nada mais. Porque nosso governo no Rio de Janeiro atualmente está ocupado com as eleições no Parlamento sempre movimentando os partidos políticos, ora liberais, ora conservadores.

Nós estamos graças a Deus com ótima saúde e não passando necessidades. Somente estamos com uma grande falta de dinheiro por causa do comércio. Imagine que 64 kg. de grão-turco não rendem mais que 1 florin e meio, nunca mais mesmo que seja de ótima qualidade e fresco.

Queria escrever-lhe sobre o atual estado moral e físico de nossa população, as diferenças e a disciplina eclesiástica. A promessa do atual governo e administração de seus empregados os quais por pouca tradição e justiça como asseverou-me um entendido, se divertem em amargar o mísero e o pobre. Em nosso vale somos católicos e católicos de Trento, filhos do grande mártir S. Virgilio, vivendo neste lugar longinquo sem padre, sem justiça em meio a tantos liberais e nosso sonho como todos bons italianos presos às tradições fraternas da Europa, a nossos irmãos que nos estimularam e ajudaram tanto e que nos fez sentir tão bem.

Para não cansá-lo termino esta aqui.

N.B. Se a resposta a esta viesse logo e expressa, lhe rogaríamos enviá-la com um pacote e nele colocar, mesmo que fosse um pequeno padre, que nós ficaríamos eternamente gratos”.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

A Colônia de Blumenau, na Província de Santa Catarina

Extraído do Jornal: A VOZ CATÓLICA — 1886.

“Um grande abraço fraterno daquele que partiu um dia já bem distante para chegar ao Novo Mundo. É um país bem diferente de nossa pátria onde ainda há parentes de muitos que aqui vivem. Assim escreverei no meu idioma favorito. Se o autor escreve longas folhas é para contar-lhes que soubemos lutar por longo tempo por uma nova pátria. Nossa própria sede católica e conservação da nossa nacionalidade italiana.

Blumenau, 20 de abril

“Para entenderem bem e com clareza no decurso desta narrativa eu me prenderei um pouco na descrição do nosso Vale. A ele se prende um pouco de geografia do Brasil e principalmente da Província de Santa Catarina. Saberão onde o Rio Itajaí (Itajay) desemboca no mar, é um porto onde as águas fluviais se misturam com as do mar, formando ondas enormes e furiosas.

Em Itajaí há um porto que os portugueses chamam de “Barra”; ali o rio vai banhar a Colônia de “Luisalei” (Deve ser Luis Alves) e em seu sinistro percurso alguns kms acima o mesmo forma o Rio Itajaí Mirim (Itajahy Mirino) que passa por Brusque e o valesinho de “Portofranco”; num percurso de 30 kms depois forma o “Riberon D'oro” onde encontramos um morro que divide Brusque de Blumenau. Continuando a viagem sempre pelo sinistro rio, pois suas águas são quase sempre turbulentas, vocês verão navegar o “Progresso” nome do pequeno Vapor que de Itajahy a Blumenau conduz passageiros e mercadorias. A viagem nos leva por uma bela vila “jaspar” (Gaspar) onde fazendo frente ao rio, existe uma colina e em cima uma igreja nova dedicada ao príncipe dos apóstolos. Esta Igreja se chama “Paróquia de Gaspar” dirigida por um boníssimo pároco polonês. Partindo desta igreja chega-se a uma vila chamada “Gasparin” que era habitada por mais de trinta famílias, italianas e tirolezes e ainda Valsugani. Mas como esta terra não era do governo, mas sim pertencia a um particular o mesmo ordenou a demolição das moradias e retirada dos colonos, que se encontram desesperados em Desterro, Santa Catarina. Eles tinham perdido as provisões de um ano de laborioso trabalho na lavoura, passando incômodas privações! Depois de um percurso de mais de 15km fica Blumenau que dista de itajaí 51 kms. Blumenau é a nossa cidade, o nosso Trento, nossa Roma. Blumenau tem sua origem do nome do seu descobridor e morador, um certo “Conte Blumenau”. Pode ser que este grande nome pertence a um oficial desertor da bandeira prussiana depois de 1848, e que veio morar neste distante lugar, tendo que lutar com tigres e com bárbaros sel-

vagens que se chamam "Boheri" (Bugres) e são famosos por sua crueldade.

"Estes selvagens que habitam o Campo e sua vizinhança, como nos contaram, são muito ferozes e terríveis quase como os da América Meridional. Eles, de vez em quando, se aproximam de uma região habitada, ficam escondidos e a espreitar o pobre colono e quando o vê ocupado e pronto para ir à lavoura estes com um arco atiram uma flecha mesmo diante da família e com golpe de faca transpassam seu corpo. Apavorada e consternada, a família foge a procura de ajuda; logo os vizinhos vêm em socorro dela com armas de fogo, mas neste meio tempo os selvagens já assaltaram a casa, roubando e destruindo o que encontram, depois se embrenham novamente na selva tão cautelosamente como tinham vindo e nada mais se podia fazer.

Casos como estes não aconteceram no ano em curso na vizinhança de Brusque, Blumenau, Tijucas, São Francisco e Tubarão etc, etc.

Nem no primeiro ano de nossa chegada ao próprio vale no lote 51 do Rio dos Cedros e o 3º. no caminho Tirolês; depois de três meses mais ou menos veio instalar-se como vizinho um amigo no Rio dos Cedros no lote nº. 52, éramos todos colonos instalados no fundo do vale, que mais adiante não estava habitado e deve-se a um aviso dado pelas autoridades, para estarmos em guarda. Assim todos ficaram de sobreaviso se efetivamente havia bugres por perto. O Governo sempre tentou e tenta ainda colocar imigrantes no vale do Rio Morto e Bugarpark para manter a estrada que vai ao campo. Com esta estrada nosso governo gasta milhões, especialmente na grande passagem da Serra. "Serra" em português quer dizer montanha. Esta passagem foi cavada na rocha dura como granito à mão e à força de pólvora por muitos kms, mas até o presente momento não há mais que uma pequena e estreita passagem que dá para um animal ou uma pessoa.

O "Campo" é um enorme altiplano que abrange a província de Santa Catarina, Paraná e Rio G. do Sul. Não se pode chegar lá a não ser se passarmos por cima ou derrubando montanhas. O Clima de Campo é como o nosso Tirol; pode-se plantar cerejas, peras, maçãs e ameixas. A vegetação é diferente da nossa aqui, mas o clima semelhante aos Alpes do Tirol. A Selva não é tão densa como a nossa. Vi muita pinha mas diferente daquela que conhecemos, forma uma fruta com o tamanho de uma castanha da índia e contém em volta uma fina casca, dentro uma semente como a nossa nóz. Esta pinha serve de alimento a milhares de bugres. Os colonos que moram ali são chamados de "Facendieri" (Fazendeiros); são ricos e alguns têm de três a quatro mil cabeças de gado, como vacas, bois, cavalos e eles mantêm vigiados como ainda deverei explicar melhor. Mas retornemos a Indaial, seguindo o rio que tem o nome de Rio Benedito. Depois de horas de caminho sempre pelo Rio chegamos a Timbó, que está reservado a tornar-se em breve para os que vivem no Vale uma "praça de cidade". O Rio Benedito liga este Vale à desembocadura do Vale de Rodeio continuando seu curso a Rodeio e Cedros.

O Cedro, que é nosso próprio Vale, começa em Timbó; o Rio corta o vale ao meio alargando-se em direção ao Vale dos Cedros e Caminho Tirolês. Neste lugar do Rio começa a Colônia Cedro e mais abaixo a Colônia Pomerweg que faz ligação com a Pomerstrasse ou Pomerania ou Pomeranoi. Cerca no meio de Pomeranoi se localiza outro vale chamado Pomerode mas todas estas cadeias de vales formam o Cedro. O célebre Cedro que foi cantado por um poeta brasileiro:

A terra do Cedro é o da vinha,
Onde as flores são perenes
Onde sempre brilha o sol
Pátria dos brandos ciprestes
Espalhando o perfume dos opulentos jardins
E o clima do oriente
Dialeto do Deus da Luz.

O Vale dos Cedros, o caminho tirolês habitado em sua maior parte por tirolezes, e em parte por trentinos, até a presente data conta com 60 famílias que até o n.º 30 agora têm capela. Em Rio dos Cedros vivem 52 famílias; as primeiras 33 são alemãs ou prussianos, as outras 19 tirolezes de Valsugana. Tem entre a comunidade famílias que são de Ospedaletta, Spera, Vila Agnedo, Scurelle, Castelnuovo ou de Tercegno. Mais uma família, de Mori, outra do distrito de Cambra e uma de Falgheria. Estes colonos têm agora uma capela até o n.º 61 no caminho Tirolês e assiste a colônia n.º 36 e 35 do Cedro. Em seguida logo vem a Praça da Cidade que se chama agora Freguesia de Santa Clara. Freguesia quer dizer paróquia. Pomerstrasse ou Pomeranos é maior que a nossa; ela conta com 156 famílias. No princípio do Vale as primeiras 40 famílias são prussianas. Encontrei somente algumas famílias de Pergine e Mattarei e com estes mais ou menos 8 famílias de Pomerode que tem a capela no n.º 60 na estrada até o n.º 95. Cerca na metade do Vale uma cruz na Estrada e o caminho por isto é chamado de Encruzilhada da Pomerstrasse. Esta parte do Vale é habitada por uma pequena fração de pessoas "Centenari" a maior parte de Centa do Distrito de Levico, e que agora também tem uma capela que formará ainda parte interessante. Prosseguindo na estrada até o n.º 115 encontrei outras, as Samonati, que são oriundas de Samone, distrito de Strigno Valsugana. Estes terão logo uma capela e que será nossa. Um grupo de poucos colonos contribuiu para o uso no Brasil uma abastada igreja toda de madeira e foi dedicada à Santa Maria Madalena e a Madona do Caravagio. Agora nós de Cavedine estamos fazendo a

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

nossa, e somos os últimos colonos do Vale da Pomerstrasse. Mas a partir daqui começa uma outra vila junto ao Sul do Rio Ada.

Os colonos de Blumenau encontram-se em melhores condições que os de Brusque. Eu li sobre a Colônia Brusque e Nova Trento um artigo na "Voce Catholica" escrito por nosso compatriota M. R. Dom Arcangelo Ganari agora pároco de Brusque falando sobre a grande diferença na exportação e importação. E que em Blumenau como diz o Jornal "L Imigrant" (O Imigrante), a cifra de exportação supera em muito a da importação. Blumenau conta atualmente com uma colônia de dois mil habitantes e o número de colonos vai crescendo de dia a dia".

APÊNDICE DATADO DE 15/junho/1886

"Quero agora contar-lhes alguma coisa sobre nosso campo, nosso trabalho e nossa selva. O Governo assegura a cada colono um lote de selva virgem de 200 a 250 metros de largura e 1000 a 1500 metros de comprimento. O colono pega uma arma, um facão semelhante ao que conhecemos e começa o "menoche" desmatamento que consiste em derrubar as árvores, folhagens, arbustos, mato e mil folhas e outras coisas mais. Também tiramos um fortíssimo galho forte como couro e muito comprido; existe uma grande quantidade de cordas de várias qualidades a que chamamos de cipó, que serve para fazer balaios de vime e outros utensílios, é muito útil para nós e até necessário. Usamos o mesmo na derrubada das árvores que superam em grossura e altura as mais gigantescas que conhecemos e vimos na Europa. A lenha é ótima e dá bom fogo; em dois meses os troncos secam e apodrecem; depois começamos a semear e aprontar a lavoura. Depois de pouco tempo começam a germinar os grãos; invade o campo a chamada erva do pasto formada por grande quantidade de graminea que dá ao colono muito trabalho e paciência e cansaço para limpar a lavoura desta praga. A selva é sempre verde, finos arbustos e altas matas formam verdadeiras montanhas. Pouquíssimas folhagens amarelam na época do outono. A madeira que nos serve para construir é muita e de várias espécies, mas as primeiras, digo as principais são: cedro, canela negra, canela sassafrás, jacarandá, garuba, etc.

O cedro é entre todas a mais apreciada. Uma sociedade comercial de lenhadores mandou vir da Europa uma máquina de serrar, e a fizeram conduzir até Indaial. Compram em nosso vale os troncos de cedro que depois transportam pelo rio. Contaram-me que esta lenha deverá ser expedida para a Europa e outros lugares (deve ser vendida a 5 florins por ruba (uma ruba equivale a 15kg).

Os animais abatidos em nossa selva são inúmeros mas nenhum se iguala com um da Europa. O mais selvagem dos animais é o tigre e traz grandes danos aos colonos, pois ataca porcos, bezerros, vacas etc... Alguns de nossos tirolezes inventaram uma forma de prendê-los vivos e conseguiram em nossa região de Pomeranos prender ao todo 13. Algumas semanas passadas um bezerro e um porco de um

amigo vizinho foram atacados. Se houvesse possibilidades de transportar a caça poderíamos prender facilmente grande quantidade de animais selvagens, pois alguns têm carne excelente.

Brasileiros vêm de quando em quando caçar anta que é um animal singular, tem porte de um boi mas também semelhança com a mula, pernas curtas e três unhas no pé, pesa aproximadamente 100 kilos. Outro animal selvagem é a capivara. Sua carne é muito saborosa. Ainda temos a paca, tatu, marmota etc... Muitas espécies de aves de grande porte como uma que se chama macuco e se parece com a nossa codorna. Temos belíssimas aves mas em canto não são como as que temos nos bosques do Tirol.

Pouquíssimas frutas comestíveis se encontram aqui; as frutas mais comuns e que importamos da Europa são o pêssego e o figo. Das frutas nacionais temos duas espécies de laranja e banana quase todo o ano. Nosso principal alimento é o "grão turco" mas há ainda outra coisa que é semeada ou plantada, mas é preciso proteger a plantinha pois ela cresce baixo e quando está quase madura os papagaios a devastam ou então as capivaras, porcos selvagens em tropas causam gravíssimos danos. Mas o que causa maior estrago na agricultura e prejudicam o agricultor é na época do florescimento das árvores frutíferas, a chamada formiga carregadeira. Estas numa só noite destroem as flores e para encontrá-las é muito difícil e precisamos procurar muito para encontrar seu habitat. Também destroem as tenras folhagens das videiras quando florescem. Aqui as uvas não amadurecem de uma só vez como na Europa. Muitos vegetais que não mencionei crescem aqui também. O vinho é muito mais produtivo que na Europa; em pouco espaço de tempo está maduro no barril e o nosso não fica atrás do de Brusque em qualidade. O mais importante é a fabricação do barril, que não dura muito porque é perfurado por um inseto.

O clima é delicioso e quase sempre temperado. Este ano fez mais frio com geada e causou danos ao café, à cana de açúcar, banana, etc...

Há muito tempo os brasileiros não vêem neve, suas matas são sempre verdes, eterna primavera. O ar é saudável, a água excelente, quase toda a família tem sua casa. Um vizinho quase octogenário me disse que é o paraíso terrestre. Uma vez o Barba disse que Dante sonhou com o Purgatório (aquela montanha altíssima que se vai perdendo no céu e assim também se perde nas profundezas da terra) e nós aqui estávamos no fundo do Vale e ao pé da montanha".

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Hermann Baumgarten

Um dos mais antigos moradores de Blumenau e quiçá o mais idoso jornalista contemporâneo do Brasil, é certamente o senhor HERMANN BAUMGARTEN, que no dia 24 de Julho findo festejou os seus 98 anos de idade, em companhia de seus filhos e numerosa descendência. Nascido em Blumenau no dia 24 de Julho de 1886, ainda conserva extraordinária lucidez e boa constituição de saúde, embora já não possa mais andar tão bem como há uns anos atrás. Descende ele de tradicional família blumenauense, sendo que seus ancestrais foram uns dos primeiros pioneiros que muito auxiliaram o fundador desta cidade no início da colonização. Seus pais foram Hermann Baumgarten e Maria, nata Deeke, a filha mais velha de Frederico Deeke. Seu avô paterno, Julius Baumgarten, emigrou, ainda jovem, nos primeiros anos da colonização. Casou com Margarethe Wagner, que então contava apenas 16 anos de idade, e era filha de Pedro Wagner, imigrante, que vindo de São Pedro de Alcântara, se fixara em Belchior, como colono, anos antes do Dr. Blumenau ter vindo pela primeira vez ao vale do Itajaí, para conhecer estas paragens. Deste consórcio Julius Baumgarten teve três filhos: Hermann, Agnes e Julius.

Hermann Baumgarten (pai) veio a ser o primeiro jornalista de Blumenau. Em 12 de dezembro de 1879, um grupo de blumenauenses, — os senhores Theodor

Kleine, Wilhelm Scheefer, Louis Sachtleben, Otto Stutzer e Henrique Clasen — formaram um consórcio para a fundação de um jornal. Adquirido o necessário material de tipografia, encarregaram o senhor Hermann Baumgarten (pai) para editar o jornal, angariar assinantes e cuidar da sua expedição, admitindo, como seu primeiro redator o senhor Anton Haertel. E a 1.º de Janeiro de 1881 apareceu o primeiro número do jornal "Blumenauer Zeitung", redigido em idioma alemão. Alguns anos após nascia nosso entrevistado Hermann, criando-se nesse ambiente de jornalismo e tipografia. Lembra-se ainda que, quando menino, assistiu com pavor, como elementos das tropas revolucionárias, federalistas, em 1892, invadiram a casa paterna e oficina do jornal, empastelando-o, jogando as máquinas no rio e as caixas com tipos no meio da rua.

Frequentou a escola aqui em Blumenau até a sua confirmação na comunidade evangélica desta cidade, aos 13 anos de idade. Começou então a trabalhar nas oficinas da tipografia do jornal "Blumenauer Zeitung", dirigido por seu pai. Os nomes Hermann Baumgarten e "Blumenauer Zeitung" são inseparáveis, pois até o desaparecimento definitivo deste jornal, por imposição proibitiva dos órgãos governamentais, no ano de 1938, a administração e edição do jornal estava sob a responsabilidade da família Baumgarten. O jovem Hermann e seus

irmãos ajudavam seus pais na tipografia e confecção do semanário. Naqueles tempos a composição de um jornal ainda era feita como na época de Johannes Gutenberg, colocando-se letra por letra uma, ao lado da outra para formar a palavra e em seqüência destas as frases para os artigos, noticiários, anúncios. Um trabalho que exigia muita paciência, atenção e perseverança. Este serviço o jovem Hermann, que mais tarde vinha a ser proprietário do jornal e sua tipografia, executou durante muitos anos a fio. Em 1908, quando seu pai, que também se chamava Hermann Baumgarten, faleceu, seus três filhos mais velhos, Alfredo, Hermann e Julius, assumiram a direção do jornal e sua tipografia. Alfredo que aprendera o ofício de fotógrafo, viajou para a Alemanha algum tempo depois, para se aperfeiçoar neste ofício, lá ficando por alguns anos e Julius mudou-se em seguida para o Rio Grande do Sul. Em 22 de fevereiro de 1913 Hermann Baumgarten casou-se com Teresia Schloegel. Em novembro de 1917, ao ingressar o Brasil na 1ª. guerra mundial contra a Alemanha, foram proibidos no Brasil todos os jornais editados em idioma alemão e o "Blumenauer Zeitung" deixou de circular. Hermann Baumgarten substituiu então este jornal por outro, redigido em português e que tomou o nome de "Gazeta Blumenauense".

Terminado o conflito mundial e realizada a paz, retornaram a ser publicados os jornais em idioma alemão e assim "Gazeta Blumenauense" suspendeu sua publicação e deu lugar novamente ao "Blumenauer Zeitung" em sua anterior forma, em idioma alemão,

continuando a ser editado até sua definitiva proibição em 1938, em virtude das medidas coercitivas empregadas na campanha de nacionalização ordenada pelo governo federal.

Mas, mesmo sofrendo este duro golpe, privando-o da vida jornalística, Hermann Baumgarten não se esmoreceu. Ele mudou-se do centro da cidade, fixando residência no bairro de Itoupaiva Seca e aqui, auxiliado por seus filhos, fundou a Tipografia Baumgarten, empresa esta que presidiu até o ano de 1975, quando se retirou da mesma, tendo, assim, se dedicado ao ramo de publicidade jornalística e no da tipografia desde sua infância, ou seja, por mais de 75 anos. Com sua esposa Teresia, que veio a falecer no dia 25 de Julho de 1983, (um dia após o 97º. aniversário de seu marido) teve ainda a rara felicidade de festejar os 70 anos de feliz consórcio, as "Bodas da Graça". Deste matrimônio o casal teve 8 filhos: Hermann, Hilde, Jorge, Adolfo, Waldemar, Félix, Ursula e Roberto, que lhes deram 34 netos, 44 bisnetos e uma tataraneta. Hermann Baumgarten, além de ter operosa atividade na vida social e política de Blumenau, foi também um ativo membro da comunidade evangélica de Blumenau, exercendo nela por longos anos, cargos na administração e diretoria da mesma, o que lhe valeu ser agraciado com o título de "sócio benemérito", por ocasião do centenário da fundação desta comunidade, em agosto de 1957. "Blumenau em Cadernos", que tem desde seu primeiro número, em Hermann Baumgarten um assíduo leitor, e a Fun-

dação "Casa Dr. Blumenau", que possui em seu Arquivo Histórico a completa coleção do jornal "Blumenauer Zeitung", fonte inesgotável para dados históricos de nossa comuna, trazendo esta pequena biografia de Hermann

Baumgarten, quer prestar-lhe justa e merecida homenagem e assinalar para a posteridade os méritos deste ilustre blumenauense, incansável batalhador e defensor dos interesses de Blumenau.

Frederico Kilian

Franz Baumgart, "o músico do povo"

Edith Kormann

Franz Baumgart, o músico, o regente, o improvisador que sem formação acadêmica, ensinou tudo o que sabia e o que era necessário para formar conjuntos ou bandas musicais. Que com o seu surrado terno preto, a gravata borboleta mal afixada, que deixava de comer para comprar papel pautado para escrever músicas para seus alunos, amigos músicos e dirigentes da "Musikkapellen", se transfigurava quando regia, e quando a frente da Banda Musical, desfilava com um garbo indescritível, alegrando o Vale do Itajaí com suas apresentações, faleceu pobre, sem alarde, e sua passagem pelo nosso Verde Vale foi brilhante como se pode constatar pelo elevado número de músicos que passaram pelas suas mãos. Temperamental como todo artista, CHICO, como alguns o chamavam carinhosamente, foi o músico do povo!

Francisco Baumgart, nasceu na Alemanha, (Berlin), no dia 6 de novembro de 1877, Estudou no "Conservatório de Música Petersen" até os 12 anos de idade. Aos 16 anos, acompanhado de seus pais Emilio e Pauline Baumgart e do irmão Otto, embarcou no vapor "Argentina", que aportou no Brasil no dia 19 de fevereiro de 1904, sendo encaminhados para a ilha das "Flores". Um ano depois seu irmão Otto voltou para a Alemanha, e Franz com seus pais foram para Anitápolis. Depois de dois anos resolveram ir para Ibirama (Hammonia), onde adquiriram, em Rio Rafael, terras. Trabalhavam na lavoura e fabricavam tamancos. Rio Rafael, na época, era um lugar tão desolado que os colonos que lá se fixaram o batizaram com o nome de "Neu Elend" (Nova Miséria). Franz que estudara música na Alemanha, além de trabalhar na lavoura teve oportunidade de participar do Conjunto Musical Sperber e Seltmann. No dia 11 de dezembro de 1918, Francisco Baumgart casou-se com Anna Koglin, nascida em Rio Sellin (Ibirama) no dia 24 de março de 1898. O casal teve quatro filhos: Edith, Marcolino Alfredo, Werner e Ilse que faleceu em Ribeirão Ferro. Mais tarde Franz exerceu o cargo de professor de uma escola particular em "Eisenbach" (Ribeirão Ferro). Na época, os candidatos ao cargo de professor tinham que se submeter a exame, principalmente de português, e Franz submeteu-se, o que não foi fácil para quem só falava o alemão, porém não conseguiu continuar no cargo. Franz prestou exame em Blumenau com Carlos Techentin que era diretor de Grupo Es-

colar. Em Ribeirão Ferro, Franz formou uma bandinha e uma sociedade de cantores, que tirou o primeiro lugar, por três vezes, em festa de cantores. A bandinha participava também das festas dos Atiradores, casamentos e outras atividades. Franz participou do conjunto musical que tocou na inauguração do salão dos Atiradores de Dona Emma.

Em 1925, mudou-se para Blumenau, no bairro da Velha, onde trabalhou como sapateiro e também como músico. Alguns meses depois foi trabalhar na Empresa Industrial Garcia, e como era músico, foi indicado para dirigir a banda da Empresa Industrial Garcia, que foi fundada e dirigida por Heinrich Schreiber (Koester foi o segundo dirigente). Franz formou também um conjunto com Curt Winkler e Eugen Seelbach e tocavam no antigo teatro "Frohsinn", e quando este foi demolido, foram tocar no Hotel Seifert (onde hoje se localiza o Edifício Catarinense). Um pouco antes da Segunda Guerra, Franz era dono de um bar na Rua S. Paulo (hoje Bar Rainha) quando foi convidado por Gustav Froehlich de Itoupava para auxiliá-lo na banda. Os ensaios eram realizados no bar, porém com o rompimento das relações entre o Brasil e Alemanha, Franz fechou o bar. Ficou em grandes dificuldades financeiras, até que Afonso Moreira, que tocara com Franz na banda da Empresa Industrial Garcia e que formara o "Jazz Garcia" o convidou para participar do mesmo. Franz ficou apreensivo, pois era alemão e não tinha salvo-conduto, caso surgissem apresentações em outras cidades. Afonso Moreira conseguiu o salvo-conduto e Franz tocou até 1945, quando Afonso Moreira resolveu deixar tudo e ir para o Rio de Janeiro onde a remuneração era melhor. De 1945 até 1946, Franz tocou no conjunto de Carl Zechner, até que este caiu do palco quebrando todas as costelas, incapacitando-o para tocar bandônion. Franz tocou violino com Manoel C. S. Krieger, e com Eugen Seelbach tocou trombone. Tocou sob a batuta do Maestro Heinz Geyer na Orquestra do Teatro "Carlos Gomes" e deu aulas de música no Conservatório de Música "Curt Hering". No dia 23 de janeiro de 1953, foi indicado para dirigente técnico para canto, música e teatro da Sociedade Recreativa e Cultural "LYRA". Fundou o Stúdio Musical Universal e com os alunos da mesma formou inicialmente a Orquestra da Juventude. Em 1955 o Conjunto do Stúdio Musical do qual participaram, Rikobert Doering, Domenico Junkes, Heinrich Schlingmann, Alfred Baumgart (filho de Franz), Claudionor Lorenzo, A. Karsten e Kaltenbach. O Stúdio Musical Universal funcionava numa velha casa na Rua Paraiba, onde Franz reunia amigos para assistirem às apresentações, principalmente os pais dos alunos. O Conjunto do Stúdio Musical Universal e a Orquestra da Juventude regidos por Baumgart se apresentaram na cidade de Blumenau e adjacências. Mais tarde participaram do Conjunto Stúdio Musical Universal, Penzlien, Struck e Waldemar Felski. Franz também era compositor e uma de suas composições "Em Forma" faz parte do "LP" "Antigamente era assim...". Em 1962, o então Prefeito Municipal Hercílio Deeke, convidou Franz Baumgart para formar e dirigir a Banda Municipal de Blumenau.

Franz Baumgart, faleceu no dia 28 de agosto de 1977.

BRUSQUE NOS 115 ANOS DE IMIGRAÇÃO POLONESA

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

A Polônia comemorou em julho o 40º aniversário como República Popular, após sua libertação dos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Brusque comemorou a 4 de agosto 124 anos de existência.

Que teriam em comum estes dois lugares, tão distantes entre si, geograficamente falando?

Muito e quase nada, diríamos nós.

Muito, se considerarmos a própria história da Polônia, significativa a partir de julho de 1944 quando foi libertado o primeiro pedaço do território polonês — a cidade de Lublin, durante a Segunda Guerra. A data marcou o início da República Popular da Polônia através de um programa de transformação sócio-econômico lançado pelo então recém-formado comitê Polonês de Libertação Nacional. A II Guerra espalhou o terror nazista e a população da Polônia sofreu as maiores perdas no mundo em vidas humanas, proporcionalmente ao número de população. Mas precisamos retroceder na História para entendermos o significado da relação Polônia-Brusque.

Em fins do século 18 a Polônia atravessava um período difícil, com problemas econômicos e sociais advindos da ocupação de seu território pela Prússia, Áustria e Rússia. Com esta divisão,

os poloneses passaram a adotar a cidadania conforme o Império ao qual estavam submetidos.

Invadida por bandeiras diferentes, perdendo sua independência política, deixando de ser uma nação livre e independente, a Polônia sofreu uma série de transformações em seu quadro econômico e social. A situação política do país fez com que milhares de poloneses deixassem a sua pátria à procura de um destino melhor.

Começavam a circular notícias das boas ofertas para os que se interessassem pela emigração. A fome grassava e a chance de deixar o país em busca de um futuro melhor tomava forma, através da propaganda que alguns poloneses — já então no Brasil — faziam a seus compatriotas. Anúncio circulando, escolha feita, a sorte estava lançada. Porque no Brasil, onde a possibilidade de ter um pedaço de terra era passível de se tornar realidade?

Vendendo ou se desfazendo, de alguma forma, de seus poucos teres/haveres, o polonês lançou-se à sorte.

O seu estabelecimento estava inicialmente previsto no Paraná, pois lá já havia sido determinado um local para a fundação de uma colônia, às margens do rio Ivaí. Os poloneses viajaram junto com imigrantes alemães que se desti-

navam à Colônia Itajahy e fosse por este motivo ou porque eles não quizeram esperar que a dita colônia ficasse pronta, o resultado é que eles acabaram sendo localizados na Colônia Príncipe Dom Pedro, em agosto de 1869.

A primeira leva, constituída de 80 pessoas, veio embarcada no vapor "Victória". Era formada por 16 famílias silesianas, provenientes de Siolkowice, a alguns quilômetros de Opole, cidade da Alta Silésia.

Traziam consigo um misto de esperança e temor. Esperança por dias melhores; temor pelo desconhecido. Que, afinal, foi extremamente difícil.

A Colônia Príncipe Dom Pedro localizava-se a alguns quilômetros acima da sede da Colônia Itajahy. Um caminho de carroça interligava as duas colônias e o mesmo capelão — Padre Alberto Francisco Gattone —, atendia as necessidades espirituais de seus habitantes.

Foi graças ao Padre Gattone que pudemos reconstituir um capítulo importante na história da nossa cidade, considerando as anotações que, como cura d'almas, ele fazia, registrando nascimentos e óbitos ocorridos nas comunidades.

O primeiro, com relação ao imigrante polonês, foi o do nascimento de Estevão Sienovsky, nascido a 3 de julho de 1869, durante a viagem. Outros registros se seguiram, sempre criteriosos. O de Izabella Kokot, a 14 de novembro de 1869, estabelece um marco no nosso trabalho pois constitui, extra-oficialmente, o primeiro registro de imigrantes poloneses em terras brasileiras. Seus pais — Phillippe e Izabella —, faziam par-

te da lista dos imigrantes chegados em agosto e o registro de nascimento da menina é significativo para a história da Imigração Polonesa no Brasil Meridional.

Porém se em Padre Gattone encontramos uma fonte de informações, em outras partes encontramos dificuldades para tal. Há, nos próprios trabalhos dos pesquisadores da História de Brusque, poucos registros mais específicos sobre o elemento polonês. Um outro dado aparece como fonte de elucidação e as oficiais são mais amplas, notadamente nas publicações dos governos provinciais da época, divulgados nos jornais da então capital — Desterro.

Dificuldades à parte, o estudo da colonização no Vale do Itajaí-Mirim não estaria completo se não fosse enfocado o grupo de poloneses, pois nele estão alicerçados fundamentos históricos importantes para compor, com a alemã e a italiana, o trio das colonizações.

As primeiras levadas chegadas no segundo semestre de 1869, enfrentaram dias difíceis com mata espessa por derrubar, terras ruins por cultivar, ambiente hostil para viver.

Enquanto permaneceram na Príncipe Dom Pedro, Edmundo Wos Sapersky — que havia idealizado a empreitada de trazer os seus conterrâneos da Polônia para o Brasil —, procurava uma forma de levá-los ao Paraná, onde como já foi dito antes, era o local destinado inicialmente para o estabelecimento dos poloneses. Sapersky mantinha contactos com o pessoal encarregado da migração no Brasil, mas como não obtinha resultados positivos, organizou a transmigração dos poloneses para o vizinho Estado, o

qual Saporsky considerava como ideal para a localização dos imigrantes. Em setembro de 1871 ocorreu a ida dos poloneses de Brusque para Curitiba, onde ficariam instalados em definitivo.

Vale a pena aqui ressaltarmos algumas considerações sobre a Colônia Príncipe Dom Pedro. Foi criada a 16 de janeiro de 1866 e instalada a 15 de fevereiro de 1867, à margem direita do rio Itajaí-Mirim, na confluência do ribeirão das Águas Claras com aquele rio, distanciando alguns quilômetros acima da sede da Colônia Itajahy. Os seus lotes territoriais abrigaram, a princípio, irlandeses vindos dos Estados Unidos e alguns franceses. Por causa da presença dos irlandeses, os lotes territoriais ficaram conhecidos como "Sixteen Lots". A colonização do lugar, por parte daqueles elementos, foi um fracasso. Diversos motivos levaram o Governo Imperial a decretar a existência da Colônia Príncipe Dom Pedro a 6 de dezembro de 1869, mesmo ano da chegada dos poloneses e que nela haviam sido instalados. O território da Príncipe Dom Pedro foi anexado ao da Itajahy e suas histórias ficaram interligadas por algum tempo ainda.

Anos mais tarde à data de chegadas das primeiras levas, outras viriam para Brusque, entre 1888 e 1890. 1889 assinala a chegada dos imigrantes de Lódz. Uma das maiores cidades polonesas na atualidade (cerca de 835.700 habitantes) e com tradição na indústria têxtil, de Lódz

viriam vários imigrantes. Ressentindo-se dos problemas da época, em virtude da crise no setor industrial que atingiria milhares de trabalhadores, além de ocasionar o fechamento de fábricas, os poloneses viram-se obrigados a emigrar por causa de todos estes problemas. Sorte nossa, que ganhávamos com a contribuição decisiva dos operários tecelões de Lódz.

Era o ponto de partida para que a Colônia fosse emancipada, tornando-se economicamente independente. Encerrava-se o ciclo colonial e estavam estabelecidos os alicerces da indústria têxtil.

As contribuições decisivas dos tecelões em matéria de mão-de-obra, aliadas às contribuições financeiras de empresários locais, originaram as primeiras indústrias de Brusque.

Uma primeira iniciativa industrial aparece em 1890: neste ano João Bauer contratava o tecelão polonês Jankowsky para trabalhar manualmente teares circulares de madeira, juntamente com outro maquinário para malharia e tricotagem.

Em 1892 surgiu a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A., fundada por Carlos Renaux, em sociedade com Paulo Hoepke e Augusto Klapptoh — poloneses que pensavam em aproveitar seus conhecimentos na nova terra que os havia recebido. Hábeis, só precisavam do apoio de um elemento que tivesse capital suficiente para arcar com a responsabilidade financeira para o empreendimento que o negócio exigia. Embora Renaux

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

atuasse no comércio, onde conseguira "capitais e créditos para um empreendimento industrial" (1), este novo ramo de negócio lhe era desconhecido.

"Mas tomou a idéia e a desenvolveu", conforme comenta Cabral (2).

Assim, Carlos Renaux tomou emprestado dinheiro de Frederico Klappoth e outros, inclusive colonos, para construir os primeiros teares de madeira, nos quais iriam desenvolver a atividade têxtil. Rústicos, estes serviriam por algum tempo. Em seguida, Renaux adquirira 26 teares na Alemanha, ampliando a maquinaria da tecelagem. Hoepcke e Klappoth se retiraram da firma, mas não lhes é negado o pioneirismo no setor.

Em 1898 surgiu a Buettner S.A. Indústria e Comércio. Iniciou com bordados finos e foi pioneira do Brasil no setor.

Seu fundador foi Eduardo von Buettner, o qual contou também com o trabalho qualificado de operários tecelões de Lódz em sua fábrica. A empresa Buettner por longo tempo beneficiou produtos coloniais como álcool, arroz e café, porém foi declinando desse beneficiamento em função da expansão de bordados. Como a firma citada anteriormente, essa contou com pessoas capacitadas produzindo para um mercado cada vez mais exigente.

A Cia. Industrial Schlösser S.A., fundada em 1911 pelos tecelões de Lódz, Gustavo Schlösser e filhos, é outro exemplo do trabalho de poloneses em Brusque. Inicialmente trabalharam como operários da fábrica Renaux e depois, com seis contos — resultados de suas economias —, deram

início às atividades do ramo industrial com dois teares de madeira. Eram ativados por Adolfo e Hugo e os Schlösser "iniciaram com tecidos populares e por várias vezes tiveram que emprestar dinheiro de colonos" (3).

De um modo geral, o deslanche da industrialização do Berço da Fiação Catarinense teve, como fator principal, a presença do imigrante polonês de Lódz, cuja participação no processo de instalação das indústrias tradicionais brusquenses foi decisiva.

A imigração polonesa reforçou a imagem de trabalho que dominava a Colônia, marcou o início da nova fase na vida da cidade, estabeleceu alicerces na sua economia.

Atualmente, em 28 países do globo vivem cerca de 10 milhões de cidadãos de origem polonesa. As maiores concentrações encontram-se nos Estados Unidos, na URSS, no Brasil (cerca de 840 mil), na França, no Canadá, na Grã-Bretanha e na Argentina. Particularmente no Brasil, o Paraná detém a maior colônia de imigrantes.

Os descendentes atuais fazem parte da sexta geração e nas listas telefônicas do vizinho Estado encontramos sobrenomes como Prudlo, Pampuch, Kania, Kachel, Gbur, Pollak, Wos, Weber — comuns aos dos imigrantes da leva de agosto de 1869 —, e que talvez desconheçam suas próprias origens, apesar de termos enviado correspondência a muitos deles, abordando o assunto.

Entre outros sobrenomes conhecidos, aparece o de Walendowsky. Seu Adolfo, aos 86 anos de idade é o dos mais antigos, se não o mais, descendente de imi-

grantes poloneses residentes em Brusque. Seus pais — Miguel e Alvina —, imigraram de Lódz em 1889. Adolfo foi pessoa importante na história da cidade, participando de atividades esportivas, sociais, culturais e políticas.

A presença de descendentes de poloneses em Brusque hoje é reduzida. Mas é válido dizer que a cidade se beneficia do trabalho de alguns que ainda vivem nela.

A Polônia é um país agrícola e industrial.

Brusque é uma cidade industrial por excelência, tendo também sua economia voltada à agricultura.

Grandes diferenças marcam a natureza destes dois lugares, somente ligados pelas fronteiras da História, que reservou um item à parte no capítulo dos povos que

estão irmanados pelos laços da imigração.

Anonimamente, heroicamente, laboriosamente — assim são lembrados os imigrantes que cresceram parte destes 124 anos de fundação da cidade, nos 115 anos de imigração polonesa para Brusque.

Lembrá-los é, no mínimo, o máximo que podemos fazer ao reverenciarmos suas memórias.

É o quase nada no lugar comum dos caminhos que ligam Brusque à Polônia.

- (1) Álbum do Centenário de Brusque, p. 391.
- (2) Cabral, Oswaldo Rodrigues. Brusque. Sociedade Amigos de Brusque, 1958 p. 301.
- (3) Álbum do Centenário de Brusque, p. 394.

A GRANDE JORNADA

Alfredo Scottini

A tropa Sênior Escoteira do Grupo Escoteiro Leões de Blumenau há muito se preparava para empreender uma excursão ao Pico Marumbi, em terras do Paraná. (Sênior é o adolescente escoteiro entre a faixa etária dos 15 aos 18 anos. Idadezinha um tanto difícil). E aos sete de setembro de 1984, enfim, lá partiram eles com três chefes. Comandavam o grupo: Osvaldo Alcântara, Otto Jaime e Roberto Pereira. O grupo de seniores: Giovani Silva, Gilberto Werner, Raul Sachleben, Klaus Pereira, Fernando Meyerle, Evandro, Dênio Scottini, João Coletti e Maurício Pacheco.

Pela manhã, bem cedo, embarcaram na Rodoviária de Blumenau, cheios de alegria e muitas falas. Afinal, não é sempre que se pode ir a um estado vizinho e nada melhor que falar alto, a fim de atrair os olhares sonhadores de alguma donzela, incauta transeunte...

Perto do meio-dia, já almoçavam em Curitiba, a outrora capi-

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.
--

tal das araucárias. Visitaram diversos locais históricos, jardins e pontos turísticos. Diversos pisavam pela vez primeira terras curitibanas e a emoção lhes derretia a alma. Passearam toda a curiosidade por ruas e praças e a noite os encontrou em casa de um irmão do chefe Osvaldo. Lá jantaram e se abrigaram para dormir.

Na calada da noite, três sêniores, resolveram musculizar as tendências desumanas e foram praticar malvadezas contra os pobres e ingênuos dorminhocos. Quatro deles dormiam o sono plácido dos santos e não perceberam, quando os “capetas” lhe encheram os cabelos e o rosto de pasta dental. Após toda a tramóia, deram um berro estridente e estrepitosamente fecharam a porta. As vítimas acordaram aterrorizadas e aos gritos. Toda a casa despertou assustadíssima. A chefia logo localizou os infratores e aplicou-lhes um corretivo exemplar. Não puderam saborear os louros da ação os três malvadinhos. Ficaram por duas horas sem dormir e levaram uma suspensão de duas atividades, além de um sermão apimentado e colorido. Pois, não podiam sentir-se heróis, muito menos homens de algum esquadrão especial.

No dia oito, bem cedo, tomaram o trem e viajaram até a pequena e solitária estaçãozinha ao sopé do Pico Marumbi. Fizeram um reconhecimento do local e armaram o acampamento. Almoçaram mais cedo e travaram contactos com os demais campistas. Nasceram longas conversas e afloraram amizades. Por volta das quatorze e trinta começaram a grande, a sonhada, a ambiciosa caminhada. A subida íngreme e lenta enervava os mais afoitos. Lá pelas tantas, quatro mais afobados tomaram a dianteira e logo estavam distantes dos demais. O chefe dera ordens severas para que ninguém se afastasse do grupo. Seria imprudente.

Mas, heróis não dão importância a recomendações. Os obstáculos, as dificuldades da montanha não arrefeceram os ânimos. A subida era contínua e persistente. O maior empecilho foi as correntes, presas nas rochas, numa das etapas finais. A essa altura, os demais já haviam regressado ao acampamento. Após as correntes, outro inimigo se levantou — a neblina. A massa branca escureceu tudo e cortou a visão dos novos bandeirantes. Ai de quem perdesse a trilha norteadora. Enfim, alcançaram o cume. Que festa! Quanta alegria! Houve os abraços e emoções. Abraços cheios de neblina. Os quatro se sentiam os últimos heróis da década: Dênio, Klaus, Fernando e Evandro. Logo desceram, pois também a noite caía rápida. Chegando à parte da meia encosta, esperava-os o chefe Beto com uma lanterna, para iluminar os passos na escuridão. Diz um sênior, “estava escuro, só havia estrelas no céu e o brilho da conquista nos olhos daqueles destemidos e corajosos sêniores”.

No acampamento, não mediram palavras para contar e recontar a proeza. Sobraram adjetivos e devem ter faltado predicados. De qualquer maneira a chefia teve de apontar-lhe o desrespeito às ordens e o perigo a que se submeteram.

No dia seguinte, alguns um tanto nervosos por não terem pisado o cume — objetivo maior e único da empreitada — tomaram o

trem e pararam em Morretes, cidadezita de colonização italiana). Conheceram os pontos históricos e se apropriaram de vastos conhecimentos que civilizações passadas lá semearam. À tardinha, estavam em Curitiba e, às dezoito horas, o ônibus os trazia para Blumenau. Nos cochilos da viagem sonharam com picos, com neblina e quicá com os olhares sonhadores de alguma garota que os olhou de soslaio. Dormitando e pouco falando, retornaram a Blumenau. Como dizia um crítico e escultor francês, viajar sempre é aprender, arejar-se tornar-se mais gente e até valorizar o pouco que tem. Devem ter aprendido muito os meninos, inclusive que o respeito e a ordem nunca fizeram mal a ninguém. Valeu a experiência como uma grande aula e em muitas disciplinas. Que haja outras viagens e muitos sêniores almejando escalar montanhas e sentar-se nos picos alcantilados, mesmo que da própria vida.

Blumenau, setembro/84.

A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes

Cartas trocadas entre alguns colonos e familiares residentes na Alemanha revelam suas odisséias, suas vitórias e a luta pela vida na colônia

"Blumenau, 22 de janeiro de 1861.

Querida irmã, cunhado e sobrinho.

Sua carta anterior de 14 de outubro recebemos domingo dia 20 de janeiro, portanto foi impossível que vocês recebessem no natal uma resposta nossa. Alegra-nos saber que vocês estão todos com saúde e dispostos. Meus parabéns pelo pequeno sobrinho Wilhelm. Dêem lembranças minhas a todos e não se esqueçam que nós todos somos brancos como vocês na Alemanha. Sinto de coração não havermos recebido sua carta um mês mais cedo. No natal recebi de um bom amigo meu, uma máquina fotográfica onde tirei duas fotografias com mi-

nha noiva e seu irmão mais moço. Pretendo mandar as fotografias para a Alemanha, uma para a avó de minha noiva, uma certa parteira Sra. Blesch que mora em Potzdamm e que criou minha noiva. A outra fotografia é para meu sogro aos cuidados da sua irmã a doutora Boetecherdt na Saxônia.

Se portanto, minha carta tivesse chegado um mês antes, eu poderia ter enviado mais uma; agora é impossível, pois o referido senhor mora distante cerca de 5 dias de viagem e tudo é relacionado em grandes gastos em dinheiro; mas na primeira oportunidade que eu tiver e certamente a terei pois penso em casar pela Páscoa, então lhes enviarei uma

fotografia que tenho certeza alegrará a vocês todos.

Preto também lhes enviar uma caixa com curiosidades daqui que fará a alegria de vocês como também ao meu pequeno sobrinho. Mas como aqui é tudo difícil e complicado é preciso esperar a oportunidade quando alguém vai para a Alemanha em visita e pedir que a levam, o que acontece frequentemente. Mas agora preciso também escrever alguma coisa sobre minha noiva. Ela nasceu em Potzdamm e chama-se Leopoldine Wehmut; foi porém criada em grande parte na nossa região, onde seu pai foi Guarda Florestal em Klein Wagen perto de Nebra. Sobre minha pessoa poderia escrever uma folha inteira se eu tivesse tempo e paciência suficiente. Cheguei aqui bem e com saúde. Já lhes escrevi o primeiro tempo que passei e tive que fazer o trabalho pesado; no entanto, muitas vezes sentia saudades, porém mais tarde já estava mais acostumado e cheguei a gostar mais daqui. Os três primeiros anos trabalhei na floresta virgem numa serraria onde recebia por dia 25 dgt, comida e moradia. Depois fui junto ao pai em sua Colônia onde trabalhei 6 meses para o Dr. Blumenau e depois com o Sr. Louis Sachtleben de Quentlingburg numa loja onde ganhamos bastante dinheiro. Compramos então um vapor para comercializar a área costeira, porém já na primeira viagem naufraguei com uma carga de açúcar e a muito custo consegui salvar a vida. Assim, perdi toda minha economia através de uma série de fatalidades e fomos obrigados a desistir da loja. Agora estou novamente pobre como aqui cheguei.

Voltei agora para a Colônia do pai onde juntamente com Fritz me tornei um colono, o que naturalmente não é tão fácil como algumas pessoas na Alemanha imaginam. Mesmo que a terra aqui não seja cara e possa ser comprada a crédito quando as pessoas são honestas e nos conhecem. Mas precisa também esperar dois anos para que possamos ter uma colheita razoável pois o "Zuckerroh" aqui chamado cana precisa pelo menos crescer por um ano e seis meses antes que se possa fazer o açúcar e para isto precisasse primeiro uma moenda de cana que é movida por cubas. Mas isto torna-se muito caro, porque um carpinteiro no fabrico de uma moenda custa 2dgt. e ainda comida e moradia, mas se precisa de uma caçarola de cobre e um aparelho para o fabrico de aguardente custa muito caro porque precisa vir da Alemanha ou Inglaterra. Com a mandioca acontece o mesmo, precisa crescer e ficar parado também 18 meses até 2 anos, então as raízes são trituradas numa moenda de mandioca, então prensadas e mais tarde torrado numa caçarola de cobre, quando então se pode guardar a farinha de mandioca por vários anos.

O milho precisa crescer somente 5 a 6 meses, então ele está maduro. O milho vem a ser aqui para nós o nosso centeio. Também as hortaliças alemãs são aqui cultivadas e se desenvolvem bem mas é preciso a semente da Alemanha porque aqui ela não se desenvolve. Nós mandamos construir no ano passado uma moenda de cana e mandioca. Para isto o pai ainda deu dinheiro e este ano precisamos comprar mais ca-

carolas e também gado, pois na Páscoa começa a colheita da mandioca e para São João começa a colheita de cana. Vocês me perguntam se ainda estamos todos juntos. Preciso informar a vocês que no ano passado por um desentendimento nos separamos, o pai a mãe e Augusta moram perto da Cidade de Blumenau. O Fritz e eu moramos já há 1/2 ano sczinhos a 1/4 de hora acima do grande rio. As colheitas do ano passado foram boas. Lá como vocês, também aqui choveu bastante, quase todo o ano; nós estamos agora no verão, mas o ano novo já começou com fortes chuvas. O pai planta fumo e faz charutos com o que ele pode viver já que não pode trabalhar no pesado por que está sempre adoentado. Em geral estamos todos bem de saúde e dispostos. Nós nos agradamos do Brasil, e se estivermos mais anos aqui e continuarmos com saúde ainda estaremos melhor já que estamos sem dívidas. Se eu não tivesse tido tanta desgraça e perdido tanto dinheiro poderia estar em melhor situação e enviar dinheiro a vocês, o que no entanto agora é impossível porque meu futuro casamento vai custar muito dinheiro e aqui não se encontra nenhuma mulher rica, pois os colonos que vem para cá são na sua maioria pobres e se conseguem um 100 ou 1000 dgt. o precisam para o seu próprio desenvolvimento e apenas observam na mulher o seu capricho e senso de ordem.

Lembranças a todos.

Franz Müller".

"Blumenau, 22 de janeiro de 1861.

Querido Cunhado e Cunhada!

Recebemos sua carta datada de 14 de outubro e ficamos todos muito contentes em receber notícias de vocês. Nos surpreendeu a notícia de que vocês querem vender suas propriedades e vir para o Brasil e que para isso só esperam a próxima "Ventora". Creiam aqui não é realmente aquilo que eu esperava encontrar. Aqui tem madeira em abundância, papai comprou uma gleba de terra, porém o lema é "trabalkar". O pedaço de terra está mais ou menos 1/4 de milha atrás da mata virgem, são mais ou menos 90 "morgen" de terra. Já temos um rancho para morar que é uma grande sala onde vive também a Moengock. Lá moemos o trigo e armazenamos a cana de açúcar. O pai comprou um pequeno terreno logo abaixo da área da cidade e iniciou um pequeno bar com jogo de bolão. Papai, mamãe e Augusta moram lá. O terreno vale mal e mal 2000 Dolnot, e custou-nos muito trabalho e dinheiro, mas para trabalhar a terra ele não demonstra muita vontade. Por isso fica para o pai só os pedintes de dinheiro que o cercam constantemente. Primeiro não era assim, mas a compra visava mais uma garantia para o futuro, porém agora só traz discórdia.

A colheita começa em agosto. Eu e o Franz com mais um empregado de nome Morgockssinel, alegres colhemos maior quantidade de cana de açúcar e trigo. A Madeira que queimamos nos

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

trouxe mais ou menos 1.000 mil réis. Infelizmente o mil réis tem pouca prata e se tivermos sorte e a natureza nos for favorável poderemos para o ano que vem contar com uma colheita maior e assim o trabalho realmente compensou. É verdade que estamos no mês de dezembro e fomos aos festejos natalinos onde havia linguagem deliciosa. Ano Novo fomos a festa da Igreja Luterana, tomamos refresco e também pudemos pagar. Portanto doravante todo início de ano será para nós uma festa, onde nos livramos da noite sufocante que nos apresenta o dia a dia cinzento e negro, apesar de sabermos que as dificuldades ainda não terminaram e estão longe e distantes, mas o orgulho nos reergue e o trovão soa muitas vezes mais violento do que é a tempestade em verdade. As notícias que nossos amigos do Rio trouxeram de vocês nos alegraram muito, assim como vocês lutam com a inveja nós também a conhecemos aqui. O fato de já termos moido e armazenado o trigo e o milho o Grobfeld inventou aquelas calúnias junto a vocês. Ele para o trabalho é muito preguiçoso e o Draffal é um grande mentiroso.

Da família Fetta você não consegue se livrar; ele vive e se delicia na mesa de dados (Knobeln). Esbanja alegremente todo o centavo no boteco do vilarejo. Ele é preguiçoso para ter e lutar por um futuro. Mas os que agem assim são sempre os revoltados, irresponsáveis, não têm visão pa-

ra o futuro melhor. Ao clima daqui já estou acostumado. Minhas mãos se tornaram rudes e calejadas. Não estava eu preparado para os perigos do trabalho na roça, este bem não me foi dado como a você na Alemanha, pois quando criança fugia do lápis, da geografia, da caligrafia e da História etc. Tudo isto promove e motiva o fim. Palavras e caligrafia não são respostas ao grau de nascimento de cada um. Os perigos e situações naturais nos seduzem, conselhos dos mais velhos e da igreja rejeitamos, e esta foi a consequência que nos trouxe, a nós três a fuga do doutoramento que para mim se tornou um perigo tenebroso e me faz fugir para a liberdade, "liberdade falsa". Doravante terei que me visionar para os perigos futuros e enfrentá-los, me fortalecer. Só sobrevive aqui o mais forte; aqui nos tornamos cautelosos, responde então de verdade a vontade de matar e a besta humana se faz real, você enfrenta a real situação e visiona a responsabilidade.

Dê lembranças a todos os amigos e conhecidos, seja cauteloso no que diz e sobre as dificuldades e preocupações. Sobre Draffal não diga nada, diga apenas que não o vimos ultimamente.

Muitas lembranças do papai, mamãe e vovô.

N.B. Mande-me também os binóculos com a palavra teste que lhe dei, assim eu o receberei em meados de junho.

Responda logo!
Joel Latrobi".

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

"Blumenau, 18 de agosto de 1862.

Querida irmã e cunhado.

Sua carta de 20 de março, recebemos no dia 12 de maio. Tomamos conhecimento pelo seu intermédio que todos vocês estão bem de saúde e dispostos, o que muito nos alegrou. A carta do ano passado datada em 26 de julho a recebemos e ficamos sabendo que tiveram um segundo filho, pelo qual os felicitamos.

Nós estamos todos bem de saúde e também tivemos um filho a 16 de abril. Seu nome será Bruno, mas ele ainda não foi batizado o que deverá acontecer em breve. Graças a Deus ele está forte e com saúde como todos nós.

Vocês escreveram que no dia 20 de março, despacharam uma caixa; como pude constatar pela carta enviaram a mesma pelo correio. Apesar de todos os esforços até agora não a recebemos. O Dr. Blumenau assegurou-me que eu não receberia a mesma por esta via porque no Brasil ainda não existe correio para despacho de caixas e pacotes. Ele também me disse que não compreende como o correio pôde aceitar esta caixa e que a mesma deveria encontrar-se ainda em Hamburgo. Peço a você prezado cunhado verificar se a mesma de fato ainda lá se encontra. Se estiver ainda em Hamburgo, peço-lhe enviar a mesma para a Firma Weltmann e Cia, em Bade — Hamburg, pois estes senhores tem aqui em Santa Catarina um estabelecimento comercial e com certeza despachariam com segurança.

Nós já estávamos alegres e contentes, principalmente minha esposa Augusta pelos vestidos de Tíbet (Qualidade do tecido).

Vocês me lembram novamente das fotografias prometidas; infelizmente mesmo com a melhor boa vontade não as posso mandar. Aqui tudo é muito distante, nós teríamos que fazer uma viagem de 4 dias até a cidade de Santa Catarina. Mas logo que se apresentar novamente uma oportunidade eu as enviarei para vocês. Por enquanto minha esposa vai escrever para sua avó em Potsdam; ela também pode fazer isto uma vez. Nesta fotografia estão minha esposa, eu e seu irmão mais moço. Novidades daqui não posso te escrever muitas a não ser que a Colônia o ano passado aumentou 700 pessoas e este ano chegaram novamente dois navios trazendo cada um 100 pessoas e mais três navios estão sendo esperados.

Prezado cunhado, se a caixa no entanto realmente já partiu de Hamburgo, peço uma notícia logo para que eu possa escrever para o Rio de Janeiro e caso eu a receba antes, notificarei vocês imediatamente. Vocês escreveram que o pai também poderia enviar algumas palavras, mas ele não pode escrever e os outros não têm paciência. Preciso também mandar carinhosas lembranças deles. Eu mesmo não sei mais o que escrever, a não ser que tivemos um inverno rigoroso e pelas geadas tivemos muitos prejuízos.

Aqui subscreve um carinhoso irmão, cunhado e tio

Franz Meyer".

"Blumenau, 20 de fevereiro de 1863.

Querida irmã e cunhado!

Finalmente recebemos a caixa que com muita dificuldade che-

gou. O Dr. Blumenau precisou escrever três vezes ao Rio de Janeiro para resolver a situação. Tudo aqui é muito dificultoso e distante. Os objetos chegaram em bom estado; lamentamos somente que nem tudo serviu bem. As botinas de fazenda para minha esposa serviram bem, as de couro também. As minhas botas de couro apertam um pouco as outras servem. Ao Fritz não serve nenhuma, os dois pares apertam. Como vocês devem saber, nós aqui andamos descalços e por isso o pé é largo, e não como na Alemanha. As botinas da fazenda da Augusta também são pequenas, porém ficamos contentes e satisfeitos sobre tudo o que mandaram.

Prezado cunhado, você pediu que escrevêssemos o que nos custou em frete e direitos alfandegários; aqui devo notificá-lo que por este meio postal os direitos alfandegários encarecem de tal maneira que torna-se mais caro que o próprio valor das coisas que continha a caixa. Seria melhor entregar o que pretende mandar a um emigrante mesmo que isto aconteça com menos freqüência, ou enviar pela firma Wellmann em Bade — Hamburg que esses enviarão o pacote para Santa Catarina e é uma oportunidade de chegar aqui mais rapidamente.

Vocês escrevem que agora na Alemanha não está tudo bem. Nós também tivemos dois anos péssimos; as sementes daqui não são muito boas e costumam a germinar e o que importamos dos países estrangeiros está em preço acima de nossas possibilidades financeiras. Tivemos além disso no ano passado 3 dias de geadas fortíssimas e as pequenas frutas em

formação morreram, e isto antes da colheita de julho e o que se salvou da geada foi replantado, mas logo destruído por uma grande enchente. Novamente de 9 a 15 de outubro após a grande enchente, quando foi plantado o milho outra vez vieram as lagartas e destruíram todas as espigas em formação. Agora em dezembro era tarde demais para o replantio mas nada adiantava, era preciso recomeçar. Depois que o milho já estava outra vez bem crescido e bonito, veio em fevereiro uma terrível tempestade com trovoadas e ventos fortíssimos e minha plantação foi destruída pela 4ª vez. Também oito casas foram destruídas e muitas destelhadas. Aqui vocês podem constatar nós também lutamos com muitos perigos. Ainda assim enfrentamos os péssimos preços para tudo aquilo que o colono apresenta. O que precisamos comprar principalmente vestuário se paga um preço alto, dizem que em parte é consequência da Guerra na América do Norte. Aqui falam também em Guerra do Brasil com a Inglaterra, mas eu creio que não chegue a acontecer. Mais novidades interessantes não tenho para escrever. O dinheiro para as coisas que vocês mandaram, enviarei na primeira oportunidade.

Querida irmã. Minha esposa pede que quando vocês escreverem novamente, enviarem uma fita marrom clara para um chapéu. Nós estamos graças a Deus com saúde e dispostos, na esperança que esta carta encontre a todos vocês na mesma forma.

Assina com um abraço fraternal o irmão cunhado e tio
Franz Meyer".

Aconteceu...

Setembro de 1984

DIA 2 — Neste dia Blumenau comemorou a passagem dos seus 134 anos de fundação. Em face das recentes enchentes que voltaram a assolar o município dia 7 de julho, não foram realizadas todas as solenidades programadas, e que contavam entre elas o desfile das sociedades de atiradores. Apenas realizou-se a solenidade anual junto ao Mausoléu Dr. Blumenau, para homenagear o fundador da cidade, cujo ato cívico contou com a presença de numeroso público.

* *

DIA 3 — Em concorrida solenidade realizada às 20,30 horas no Teatro Carlos Gomes, a Associação dos Profissionais da Imprensa de Blumenau fez entrega de diversos troféus a várias personalidades blumenauenses em reconhecimento por serviços relevantes prestados à comunidade, encontrando-se entre eles industriais, comerciantes, médicos e jornalistas. Os trabalhos foram presididos pelo presidente da entidade promotora jornalista Norton Azambuja.

* *

DIA 3 — Desde a manhã deste dia, foi implantado em Blumenau novo sistema de controle do estacionamento: a aplicação da "Área Azul", que obedece à forma de rotatividade de estacionamento de veículos, procurando assim atender ao melhor aproveitamento de áreas de estacionamento num rodízio que visa atender a todos os usuários.

* *

DIA 4 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis encaminhou ao Arquivo Histórico da Fundação "Casa Dr. Blumenau", 16 cartas originais escritas por imigrantes alemães — Franz e Leopoldine Meyer, que residiram em Blumenau há mais de 100 anos. As cartas haviam sido entregues ao prefeito pelo sr. Gerd Kramer, de Halle-Neustadt, da República Democrática Alemã, e foram escritas entre os anos de 1861 e 1890. Estas cartas serão traduzidas para o português e publicadas oportunamente na revista "Blumenau em Cadernos".

* *

DIA 6 — Neste dia, uma Comissão formada por representantes do SESI, do SENAC e da Câmara Municipal de Vereadores, escolheu o operário padrão do ano o sr. Ivo Bonfante, pertencente à firma Arno Bernardes, aonde trabalha há 25 anos. O novo operário padrão de Blumenau possui 43 anos, é casado e pai de três filhos.

* *

DIA 7 — Neste dia a imprensa (JSC) divulgou a informação do Núcleo de Pesquisas Sociais (Nupes), da FURB sobre o Índice de Preço ao Consumidor em Blumenau. Segundo a informação, o índice apresentou uma elevação média na ordem de 10,68%, sendo a variação acumulada nos últimos 6 meses de 74,36% e no ano, de 109,69%.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

DIA 14 — No quartel do Corpo de Bombeiros de Blumenau realizou-se a solenidade de formatura de 40 novos soldados do fogo, que receberam seus certificados. Foi paraninfo da turma o prefeito Dalto dos Reis. Do contingente recém-formado, parte irá servir em Brusque, outra em Lages e outros permanecerão em Blumenau.

* *

DIA 15 — Com 48 postos distribuídos em todo o município, o VII Centro Administrativo Regional de Saúde iniciou em Blumenau a vacinação contra a poliomielite, a exemplo do que aconteceu em todo o território nacional. Além dos 48 postos fixos, foram estabelecidos ainda 32 postos volantes que atuaram durante todo o dia.

* *

DIA 17 — Foi aberta, no "hall" de entrada da FURB, a exposição das fotos que participaram do Quinto Concurso Fotográfico Meio Ambiente Catarinense, o qual teve a participação de 181 fotos. Aos vencedores da concurso, coube prêmios que atingiram o total de 570 mil cruzeiros.

* *

DIA 18 — Dados oficiais publicados na imprensa neste dia (JSC), cerca de 90% das 99.597 crianças previstas para a vacinação contra a poliomielite receberam a prevenção, somando um total, em toda a região do 7º. Centro Administrativo Regional de Saúde, 89.488 menores de quatro anos de idade.

* *

DIA 18 — Neste dia, a Prefeitura, através da SOSU, concluiu a recuperação da ponte Irineu Bornhausen, que faz a ligação entre os bairros de Itoupava Seca e Itoupava Norte, na rua Santa Catarina, cuja obra havia sido duramente danificada pelas cheias de 1983 e 1984.

* *

DIA 19 — Destruída pelas enchentes de julho de 1983, a balsa que liga Passo Manso a Badenfurt foi reconstruída e neste dia inaugurada pelo Prefeito Dalto dos Reis, perante numeroso público, em solenidade muito aplaudida.

* *

DIA 21 — Neste dia, dedicado ao Dia da Árvore, a Assessoria Especial do Meio Ambiente da prefeitura de Blumenau promoveu diversas solenidades para registrar o evento. As solenidades constaram do seguinte: Plantio de Árvores na Escola Básica Adventista, assim como palestras nas escolas das redes municipal e estadual, procurando-se conscientizar as crianças sobre a necessidade da preservação do verde.

* *

DIA 23 — No distrito de Vila Itoupava, o prefeito Dalto dos

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Reis presidiu solenidade que inaugurou a Praça "Johanna Conrad", e que contou com a presença dos familiares da homenageada, entre os quais seu filho Heinz Conrad, além de outras autoridades e grande número de populares. Dona Johanna Conrad nasceu em 15 de setembro de 1901 em Reussendorf, Alemanha e faleceu em Vila Itoupava no dia 25 de maio de 1984. Foi casada com Heinrich Conrad desde 1921, de cujo consórcio teve dois filhos: Carl Heinz Conrad e dona Érica Conrad (JSC).

* *

DIA 26 — Neste dia, foi entregue ao uso do consumidor, pelo prefeito Dalto dos Reis, a Adutora, em sua primeira etapa, construída na Rua Bahia. Na ocasião do ato, foi informado que durante o mês, com a nova obra, foram beneficiadas 483 pessoas,

FIGURAS DO PASSADO

Ferdinand Schrader

Por Frederico Kilian.

Voltamos hoje a focalizar em "Blumenau em Cadernos" figuras, que, no passado, marcaram época na história de Blumenau e que tiveram destacada participação no desenvolvimento econômico, projeção política, na administração e na vida social e cultural da comuna, desde os primórdios da colônia fundada por Dr. Hermann Blumenau.

Falamos de FERDINAND SCHRADER, pioneiro na vida comercial e na sua descendência, dos quais, pelo que tem feito, a atual geração se orgulha. Ferdinand Schrader nasceu a 20.06.1830 em Ruumbeck, província de Magdeburg, Alemanha, emigrou com a idade de 25 anos para o Brasil, chegando à recém-criada colônia de Blumenau, por volta de 1855. Não podendo dedicar-se à dura vida de colono, dado seu estado de saúde, dedicou-se ao comércio, inicialmente em Belchior, transferindo-se, no ano de 1859 para a sede da colônia, onde, no "Stadtplatz", na rua principal, quase à entrada da rua das Palmeiras (hoje Duque de Caxias) adquiriu uma das primeiras casas aí construídas e nela estabeleceu-se com casa de negócio.

Em 28.04.1964, já consolidado como comerciante, casou-se com a senhorita Auguste Hahn, cujos pais residiam em Belchior e onde Ferdinand a conhecera quando lá iniciara sua atividade de comerciante, tendo havido deste consórcio cinco filhos: Reimundo, que veio a falecer com a idade de 6 meses, Wanda, que depois casou com o comerciante Friedrich Blohm, Alwin Franz Schrader, que veio a sucedê-lo e desenvolver a firma comercial, Eduardo, falecido com a idade de 14 anos e Elsbeth, que foi esposa do jornalista G. Arthur Koehler, editor do jornal "Der Urwaldsbote".

Ferdinand Schrader, caráter nobre e reservado, fundador da atual organização Schrader, dedicava-se unicamente à sua família e às suas atividades comerciais, que consistiam principalmente na importação de gêneros de primeira necessidade, artigos e instrumentos

agrícolas, indispensáveis aos colonos, os quais provinham do exterior ou então, já importados, das importantes praças do Rio de Janeiro e Santos.

No decorrer dos anos os negócios de Ferdinand Schrader foram se desenvolvendo gradativamente e, tendo seu filho ALWIN SCHRADER voltado da Alemanha, onde concluíra seus estudos, para ingressar na firma e auxiliar seu pai na administração da mesma, sucedeu-o a 01.11.1894, na direção do estabelecimento comercial, que então tomou a razão social de "A. Schrader", recolhendo-se Ferdinand Schrader a merecido repouso, vindo a falecer em 29.04.1893.

Já então, ALWIN SCHRADER, de quem nos ocuparemos agora, havia dado à firma fundada por seu pai, um promissor impulso. Casado com Elisa Hosang, em 29.12.1893, teve com esta três filhas e um filho, uma daquelas já falecida e este, hoje, destacada personalidade no comércio e indústria de Blumenau, valoroso sucessor das atividades na trilha honrada de seus ancestrais.

ALWIN SCHRADER, não foi só um bem sucedido comerciante e pioneiro industrial, como também administrador público sem par, pois a "era Schrader" destacou-se na história e vida política e administrativa do grande Município de Blumenau, nos anos de 1903 a fins de 1914, nos quais, por três vezes eleito, exerceu o cargo de Superintendente (hoje Prefeito, destacando-se na reorganização de todo o sistema administrativo, na realização de inúmeras obras e principalmente na melhoria e abertura de novas estradas por todo o interior do município e ainda no setor do ensino público e particular, com o incentivo financeiro às inúmeras escolas rurais, e divulgação nelas do ensino da língua portuguesa, com distribuição gratuita de material e livros didáticos, e ainda com o mais minucioso mapa do município que mandou desenhar pelo engenheiro José Deeke, confeccionado no mais afamado estabelecimento cartográfico da Alemanha e foi amplamente distribuído no município. Sua atividade como Prefeito já mereceu registro em "Blumenau em Cadernos", em seu N.º. 7, Tomo III, à págs. 133/134. No ramo comercial e industrial legou a seus sucessores uma organização que abrange, hoje em dia, um grande parque que contribui, de forma decisiva na economia e progresso de Blumenau. Basta lembrar que nestes 125 anos de existência da firma Schrader, esta desdobrou-se de forma considerável. Toda a evolução deste empreendimento foi gravado em letra de forma no substancioso fascículo publicado pela Companhia Comercial Schrader, por ocasião de seu primeiro centenário, em Outubro de 1959, já então, desde 1927, sob a direção de seu presidente, Sr. Heinz Schrader, neto de Ferdinand Schrader, integrando esta firma um grande patrimônio, consistindo não só na casa comercial, como também no acervo de suas representações dos produtos da **Mobil Oil do Brasil**, dos pneus e câmaras de ar "BRASIL", posteriormente de diversas outras marcas, dos caminhões "M.A.N.", depois "WHITE" e ultimamente da "MERCEDES BENZ", exigindo para tal, construções e parques de depósitos e oficinas em diversos lugares, dedicando-se ainda a firma ao ramo de seguros gerais por intermédio do Grupo

Eoa Vista de Seguros". — Poucos anos após os festejos do centenário, a Oficina Mecânica da Companhia Comercial Schrader foi transferida da Rua Itajaí, nº. 260, para as novas e ora modernas instalações, sitas à rua Itajaí, nº. 625.

As atividades continuaram em franco desenvolvimento, tanto que em 23 de março de 1973, foi fundada a 1ª. empresa coligada, Itadisa-Itajaí Diesel S.A. — Após a compra inicial de 25.000 m2 de área situada junto à BR 101, em Itajaí, foram construídas as modernas instalações que posteriormente abrigaram o Posto de Serviço Autorizados Mercedes Benz naquela cidade, em franco desenvolvimento. — Durante o tempo para conclusão das obras, foram adquiridos mais 18.000 m2 de terreno que, somados, formam uma área de 43.000 m2. Foi no ano de 1976 que se iniciaram as obras de construção do setor de Administração, secção de peças e vendas da Companhia Comercial Schrader junto ao setor da oficina mecânica já existente à Rua Itajaí, nº. 625.

Em novembro de 1977, foi o momento em que foram desmembradas da Companhia Comercial Schrader as atividades de distribuição dos Lubrificantes Mobil, a revenda das diversas marcas de Pneus e Câmaras de ar e o Agenciamento de Seguros da Atlântica Boavista de Seguros, com a fundação da Empresa controlada, Schrader S.A. Comércio e Representações. — Em setembro de 1979 a empresa Itadisa-Itajaí Diesel S.A. recebeu a nomeação de concessão de revenda da Mercedes Benz para Itajaí e mais sete municípios vizinhos desmembrados da área de atuação da Companhia Comercial Schrader, com o que evoluíram mais ainda as atividades desta empresa. — Mais tarde a Schrader S.A. Comércio e Representações entregou a então Sucursal que dirigia, do Grupo Atlântica Boavista de Seguros, para que ela mesma a administrasse. — Ainda em dezembro de 1980 a Companhia Comercial Schrader, comprou uma área de 55.000 m2 na rodovia Guilherme Jensen, livre de enchentes, para a futura transferência da oficina mecânica para este local. — Por outro lado, a Itadisa-Itajaí Diesel S.A. passou a trabalhar com pneumáticos, passando a vender os pneus marca MICHELIN. Não obstante a atual crise, as três empresas do Grupo Schrader, apesar das grandes catástrofes de 1983 e 84, continuam com suas atividades em ritmo normal, colaborando no reerguimento de Blumenau.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA